

O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO E A COMUNIDADE ACADÊMICA: IMAGENS QUE DIZEM UMA PROFISSÃO

Mavi Galante Mancera Dall'Acqua Carvalho
Dantielli Assumpção Garcia
Lucília Maria Abrahão e Sousa

Resumo: Uma vez que a profissão de bibliotecário é atravessada por imagens estereotipadas que fazem parecer evidente certo modo de concebê-lo, propõe-se, da perspectiva da Análise do Discurso, pesquisar sentidos de bibliotecário nos dizeres de docentes universitários, com o objetivo de verificar como esse profissional é discursivizado na sociedade da informação. O corpus foi composto por entrevistas com docentes em questionário semiestruturado, coletadas em duas universidades de Ribeirão Preto/SP. Os resultados apontam discursos autoritários e de autosuficiência, silenciando o bibliotecário e suas competências. Isso afeta o mercado de trabalho e a percepção da importância desse profissional para a sociedade.

Palavras-chave: Bibliotecários. Análise do Discurso. Imaginário. Sentidos.

1 A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO E O BIBLIOTECÁRIO

A Sociedade da Informação ou do Conhecimento, na era da globalização, vive cercada por discursos que colocam em confronto aspectos da ciência e da pesquisa científica; da educação e da inclusão social, permeadas pela convergência tecnológica; do apagamento das fronteiras limítrofes entre o público e o privado; da presença massiva do capitalismo numa Era Pós-industrial de mercantilização e da agregação de valor à informação (como insumo competitivo, de sobrevivência e, ao mesmo tempo, estratégico).

Dessa maneira, observam-se culturas e ambientes híbridos (o físico e o digital) e a adoção de novos comportamentos por partes dos indivíduos em uma Sociedade da Informação e do Conhecimento que vive conectada à rede, pela (des)construção de conteúdos, de valores, identidades culturais e sociais; a mudança do funcionamento “em rede” entre/de indivíduos, ambientes, instituições e organizações; e também, dos conteúdos armazenados nas “*clouds da web*” - espaço do intangível, do abstrato e do (ir)real. Como aponta Miranda (2000, p.81): “O fenômeno que melhor caracteriza esse novo funcionamento em rede é a convergência progressiva que ocorre entre produtores, intermediários e usuários em torno de recursos, produtos e serviços de informação”.

A Era do Conhecimento é também berço da dicotomia inteligência competitiva *versus* inteligência coletiva, pertinentes à inclusão digital e social pelo uso ético da informação (das leis de acesso e das políticas públicas); pelos investimentos em cultura; na produção e consumo de produtos informacionais - e pela impossibilidade em gerenciar todo o conteúdo de informação existente: “Os conteúdos são, portanto, o meio e o fim da gestão da informação, do conhecimento e do aprendizado na Sociedade da Informação” (MIRANDA, 2000, p. 81). É a Era do Compartilhamento, na qual o usuário é, ao mesmo tempo, produtor e consumidor de informação (GIARDELLI, 2012). Emerge, nesse contexto, uma posição de sujeito autor-leitor-produtor “[...] não somente como receptor passivo, mas também agente ativo e determinante, livre de escolher o conteúdo, interagir com ele, independente do espaço e do tempo em que se localizam o usuário e os conteúdos” (MIRANDA, 2000, p. 85).

As mudanças que vêm ocorrendo com grande velocidade na sociedade, instituições e organizações, trazem consigo um novo paradigma: de compartilhamento e da interdisciplinaridade, do “apagamento” das fronteiras limítrofes entre profissões, pois no século XXI, os profissionais detêm responsabilidades e competências intelectuais e gerenciais que demandam busca por oportunidades e formulação de produtos e serviços acessíveis à população.

Em relação ao profissional da informação, este compreende o bibliotecário e seus correlatos (biblioteconomista, cientista da informação; gestor de informação; gerente de informação, dentre outros),

segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (2003). A profissão tem suas raízes relacionadas à erudição e ao ato de zelar pelas obras e salvaguardar o conhecimento. Na Antiguidade, a biblioteca tratava-se de um espaço privilegiado, de circulação restrita apenas à realeza e membros do clero, conferindo-lhes, dessa forma, um símbolo de poder e dominação. Essa imagem, pelo funcionamento da sociedade e de suas relações de poder, apresenta-se estabilizada na história, por isso sua circulação e sua reprodução são tão comuns. Como demonstra Loureiro e Januzzi (2005):

O histórico apresentado destaca a profissão de bibliotecário, que se formou inicialmente pautada em largo conhecimento cultural e humanístico, passando até a ser considerada elitista, devido ao grande conhecimento e erudição de seus profissionais, para depois mergulhar na técnica, perdendo sua visão crítica e chegando a ser considerada reduto de pessoas “bondosas”, porém incompetentes, verdadeiras guardiãs num “depósito de documentos”. Com o advento das TIC, a categoria resolveu assimilar ambiente virtual como campo de trabalho [...] (LOUREIRO; JANUZZI, 2005, p. 148).

Assim, o objetivo deste trabalho é observar os sentidos em circulação sobre/de bibliotecário nos discursos de docentes universitários. Ademais, este texto buscará refletir e observar as imagens que contribuem para a (des)valorização e/ou reconhecimento social desse profissional. Para tanto, o conceito de formação imaginária, tal como trabalhado na Análise de Discurso pecheuxiana, será mobilizado.

O bibliotecário assume a posição de um sujeito que trabalha com o acervo na biblioteca, que aproxima ou interdita (proibição ou distanciamento) o acesso ao acervo e à leitura (suportes) pelo usuário. A partir dessas relações, sentidos serão produzidos entre os profissionais e usuários, distanciando ou aproximando-os, contribuindo (ou não) para o (re)conhecimento; e a (auto) imagem, socialmente construída para esse profissional. Na comunidade acadêmica, como se verá pela análise do corpus, o profissional da informação (em particular, o bibliotecário), tem seu ofício comparado a “guardião” ou “zelador” dos livros e responsável ainda pela sua organização física e acesso às obras. A ideologia, entremeando o discurso dos sujeitos, sustenta e marca essas imagens e sentidos de/sobre bibliotecário, atribuindo-lhe características próximas ao “senso comum” oriundas de seu perfil profissional, comportamento e vestimenta.

Neste trabalho, de perspectiva teórica da Análise de Discurso pecheuxiana e de análise do *corpus* constituída por recortes de entrevistas com docentes universitários, estas coletadas por meio de um questionário semiestruturado, mobilizou-se o conceito de *formação imaginária*. Escolhemos para *locus* de nossa observação uma universidade particular e outra pública, localizadas em Ribeirão Preto, cidade do interior do estado de São Paulo.

A coleta do *corpus* foi realizada com os docentes dessas duas universidades. Ao todo, foram 23 entrevistas colhidas. O questionário enviado aos docentes contemplava 10 questões dissertativas, do qual se buscava coletar enunciados sobre o bibliotecário e particularidades que circundam a profissão. O material foi entregue aos professores; os quais puderam expor suas opiniões e concepções sobre o profissional bibliotecário. O conteúdo abordava os seguintes aspectos acerca da profissão: se a conheciam e que imagem encontra-se atrelada ao bibliotecário; quais eram as habilidades e funções desempenhadas por esse profissional e se era necessário curso superior para exercer tal ofício. Outro aspecto diz respeito à importância e contribuição do profissional para a formação do graduando e para as atividades do docente. Por fim, questionou-se sobre a visibilidade profissional e solicitou-se que comentassem sobre algum bibliotecário que tenham conhecido ao longo de vida escolar ou acadêmica.

Depois de feita a coleta, selecionamos alguns recortes para a análise, os quais chamaram a nossa atenção pela repetição e reforço dos estereótipos acerca do profissional bibliotecário. Assim, para refletirmos sobre esse imaginário sobre o bibliotecário, estabilizado na sociedade, dividimos em três partes este trabalho. Na primeira, discute-se brevemente o funcionamento da Sociedade da Informação e do Conhecimento e a relação do profissional bibliotecário com essa sociedade. Na segunda, discorreremos sobre o conceito de Formação Imaginária, tal como trabalhado pela Análise do Discurso, e analisamos como a constituição de uma imagem ao profissional da informação foi constituída e, por fim, na terceira,

analisamos seqüências discursivas recortadas dos discursos dos docentes acerca do que estes consideram o profissional bibliotecário.

Neste trabalho, portanto, refletiremos acerca da profissão e do profissional bibliotecário, buscando apontar, no movimento do discurso e no constante jogo de repetição e deslocamento de sentidos, as imagens que são construídas para os sujeitos bibliotecário pelos professores no contexto em que vive a sociedade da informação e do conhecimento.

2 FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS: os docentes e o bibliotecário

Para a compreensão de um discurso é necessário levar em conta suas condições de produção. Esse conceito, tal como trabalhado na Análise do Discurso (AD), considera fatores extralingüísticos na produção de sentido de um discurso. As condições de produção, então, compreendem os sujeitos e a situação.

Em relação ao sujeito, na AD, não é considerado o sujeito empírico, mas sim a posição sujeito projetada no discurso. Assim, as condições de produção estão relacionadas aos lugares que os sujeitos aí ocupam. Esses lugares nos processos discursivos funcionam como formações imaginárias que “designam o lugar que A [produtor] e B [destinatário] se atribuem cada uma si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. (Pêcheux, 1990, p.82). Esse jogo produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. De acordo com Orlandi (2002, p. 42):

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada, assenta no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas em uma sociedade como a nossa por relações de poder. [A imagem] se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições.

Neste trabalho, se analisará qual o imaginário de sujeito-profissional bibliotecário é constituído nos discursos dos docentes universitários. Para isso, se refletirá também sobre a possibilidade da “antecipação” – que é entendida como a capacidade que o locutor tem de se colocar na posição de seu interlocutor, experimentando a sua posição e antecipando-lhe sua resposta:

O mecanismo de antecipação é em grande parte o responsável pela argumentação. E a troca da linguagem, por este mecanismo, se assemelha a um grande jogo de xadrez em que aquele que consegue melhor antecipar-se a seu interlocutor é melhor orador, mais eficiente com a palavra. E, não nos esqueçamos, trata-se de um jogo que se assenta no imaginário (ORLANDI, 2006, p. 16).

Ademais, fazem parte do modo como as condições de produção funcionam as relações de força e as relações de sentidos. Estas relacionam os dizeres a outros possíveis dizeres: “todo discurso é portanto aberto em suas relações de sentidos” (Orlandi, 2006, p. 16). As relações de força mostram que o lugar a partir do qual falamos marca o discurso com a força da locução que esse lugar representa. Cada lugar tem sua força: “na relação de interlocução e isto se representa nas posições sujeito”. Por isso, essas posições não são neutras e se carregam de poder que as constitui em suas relações de força (Orlandi, 2006, p. 16).

Desse modo, como os docentes contribuem para a sustentação de um imaginário acerca do bibliotecário? Como esse imaginário circula na sociedade, produz significações e se mantém na memória dos indivíduos? Questões que serão respondidas ao decorrer de nossas análises.

Coloca Orlandi (2002, p. 15), em relação à situação, que esta pode ser pensada em sentido estrito e em sentido amplo: “Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e agora do dizer. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico ideológico, mais amplo”. Em relação ao sentido estrito, neste trabalho, os enunciadores são os docentes que dizem sobre o profissional

bibliotecário. Como mostramos no item anterior, o contexto sócio-histórico-ideológico atual é da Sociedade da Informação e do Conhecimento que vive conectada à rede. Diante deste contexto, algumas questões surgem: será que a imagem do bibliotecário mudou com o passar dos anos? Ou ainda, em pleno século XXI, os sujeitos os veem como fiscais da biblioteca, sem importância prática?

Para Silva, Schons e Rados (2006), os leitores leigos confundem-se ao identificar o auxiliar e bibliotecário enquanto unidade, ao atribuir-lhe as mesmas características e perfil profissional. Os autores ainda ressaltam a necessidade em pesquisar a imagem e concepção de bibliotecário pelos consulentes, visando estabelecer mudança de comportamentos para viabilizar o diálogo. Na opinião de Sousa e Fujino (2009), a percepção de bibliotecário que ainda permanece é a de organizador e localizador de documento; sem competências pedagógicas ou educativas para orientar os usuários em pesquisas científicas. Como ressalta Silva (2009, p. 36):

O fazer profissional do bibliotecário foi, ao longo dos séculos, sendo acrescido do apoio de diversos artefatos sem que, no entanto, isso tenha implicado em alterações substanciais para sua autoimagem ou neutralização deste estereótipo, mantendo-se no imaginário social a ideia de bibliotecário como guardião de livros.

A formação acadêmica e a atuação profissional estão condicionadas às habilidades técnico-científicas, às competências profissionais e (inter)pessoais: diretamente influenciada pela sociedade, pelas instituições e pela própria categoria. Segundo Walter e Baptista (2008), toda profissão está sujeita a percalços e dificuldades históricas sob relações de poder e status, interesses políticos e reconhecimento social. Aliados à questão de formação, outros fatores desencadeiam o fortalecimento de estereótipos, na sociedade em relação à imagem do bibliotecário, como: resquícios do bibliotecário da Antiguidade; baixa remuneração salarial; desconhecimento pela sociedade da importância do profissional; a ausência de incentivos governamentais; influência (negativa) da mídia; baixo índice de profissionais atuantes nas unidades de informação.

Na visão de Barbalho (2006), a presença de sátiras e caricaturas em charges, filmes ou revistas (trans)portam significados que estabelecem relações irreais e equivocadas no imaginário da sociedade sobre o bibliotecário: o uso de elementos retóricos pela mídia intensifica e trabalha o funcionamento discursivo, distorce conceitos e corrobora para veicular imagens tomadas (aparentemente) como verdade. O termo bibliotecário é permeado por estigmas, que podem influenciar negativamente no mercado, sendo que tais aspectos reforçam a necessidade da consolidação da profissão e divulgação de seu papel social. Observa-se também um distanciamento entre a construção sólida da imagem do profissional na sociedade e o que é preconizado na literatura, reforçando o estímulo às ações e estratégias que visem ampliar o “legado” do bibliotecário no país.

Para Lampoglia et. al (2011), o estereótipo do bibliotecário, estabilizado pela memória discursiva, dificulta as relações entre o profissional e os usuários do universo da biblioteca, pois ao impor, imaginariamente, a obrigatoriedade do silêncio e da ordem, zelando pelo lugar tido como “sagrado”; o sujeito-bibliotecário surge como detentor de um “poder” nesse espaço. Para Santos e Mannes (2009), quanto mais estereótipos houver, maiores serão os obstáculos ao acesso da informação pelos usuários.

No Brasil, o bibliotecário enquanto profissão obtém o seu reconhecimento na metade do século XX, com a aprovação da Lei n.4084, de 30 de junho de 1962. O caráter erudito e elitista propiciou que a sociedade adquirisse uma “*antipatia*”, prejudicando a sua popularidade. Atualmente, os anseios da categoria dizem respeito às perspectivas de atuação no mercado que inferem esforços de ressignificação. O bibliotecário pós-moderno observa um novo paradigma - de compartilhamento e interdisciplinaridade, pois detém responsabilidades e competências gerenciais para empreender produtos e serviços acessíveis à população, já que, atualmente, “lidamos com bibliotecas sem muros” – e com a era da informação na rede, as unidades de informação e profissionais precisam mudar seu foco. Como aponta Cunha (2003, p. 42-43):

Além de trabalharmos em bibliotecas sem muros, cada vez mais conectados com o mundo, com todos os setores das instituições onde trabalhamos e com outras unidades de informação - estabelecendo redes formais ou informais - nossa valorização profissional depende da nossa capacidade de ter curiosidade, de estar em contato com outros profissionais e, principalmente, de não ter medo de inovar. [...] Esta tendência de trabalho interdisciplinar é uma tendência mundial. Tudo indica, e esta é uma visão pessoal desta realidade, que esta maior visibilidade do bibliotecário tem levado os profissionais de outras áreas a uma maior curiosidade com relação ao nosso fazer.

Lucas (1996), refletindo a partir a noção de leitura de arquivo proposta por Pêcheux (1993), mostra que os bibliotecários, na divisão do trabalho de leitura, preocupam-se com o tratamento dos textos na sua superfície (classificar, indexar, delimitar conteúdos, buscar palavras-chave), e “a cada dia que passa, com os novos métodos de tratamento de textos induzidos pela informática, estão mais e mais distantes da interpretação dos arquivos” (1996, p. 42). Isso, salienta a autora, coloca em questão a “própria sobrevivência do bibliotecário como trabalhador intelectual”.

A autora Nina (2008) defende a interdisciplinaridade das ciências, estando o bibliotecário apto a contribuir para a gestão do ciclo informacional e melhor aproveitamento de informações estratégicas na atual Sociedade da Informação. Segundo Brasil (2002), pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), os bibliotecários (e correlatos) encontram-se na categoria de Profissionais da Informação: habilitados a gerenciar a informação em suportes físicos e digitais; aptos a atuar em unidades e centros de informação e documentação, arquivos, empresas e organizações. A “tradicional” biblioteca não traduz seu único laboratório de estudo e labor; pois atualmente a informação e o documento, como matéria-prima, torna-se o objeto de trabalho desse profissional em qualquer suporte ou local em que estejam disponibilizados (na rede, em softwares, na biblioteca). Dentro da própria área, são inúmeras as discussões e reflexões entre os pares; sobre as possibilidades e limites de atuação dos profissionais da informação. Para finalizar, como salienta Cunha (2007), os bibliotecários pertencem a um grupo que lida com a informação, num ambiente de trabalho diversificado e focado na interdisciplinaridade e na cooperação.

Na continuidade do texto, analisaremos as imagens dos bibliotecários produzidas e sustentadas pelos docentes. Será que os professores consideram os bibliotecários como sujeitos importantes para o funcionamento da vida acadêmica?. Será que esse profissional é visto como um sujeito dinâmico que auxilia tanto na indexação da informação, quanto a instrução dos discentes?. Como algumas imagens desse profissional já estabilizadas são retomadas nos discursos dos docentes?. Respostas que se buscam na parte seguinte.

3 NOS DISCURSOS DOS DOCENTES, UM IMAGINÁRIO SOBRE O BIBLIOTECÁRIO

Nesta parte, apresentam-se as análises dos dizeres dos docentes universitários. Nesses dizeres proferidos pelos professores(as), foi possível observar uma relação tida como evidente entre biblioteca e bibliotecário, de modo a sustentar que um é condição do outro. Nas sequências discursivas, é possível observar três entradas discursivas que se encontram intimamente relacionadas livros, erudição e biblioteca: dos livros que remetem à biblioteca; do livro enquanto suporte impresso e armazenado na biblioteca; e único suporte com o qual lida esse profissional. Aparecem ainda, sentidos de erudição como exigências a seu perfil profissional e uma imagem do bibliotecário enquanto gestor de acervos e de bibliotecas:

SD1: “livros, sabedoria”

SD2: “bibliotecas, livros, textos escritos (como a página de um livro), penso também em alguns bibliotecários que já conheci”.

SD3: “alguém muito culto, sempre envolvido com livros, que adora”.

SD4: “uma imagem/lembrança de organização e padronização”.

Os enlaces feitos entre “bibliotecas” “livros” e “textos escritos” remetem a imagens estabilizadas na sociedade, pois culturalmente esse profissional apresenta um apreço por livros, o “poder” e “posse” desse instrumento. Os efeitos de interdiscurso e as condições de produção determinam os sentidos possíveis aqui, quais sejam, interdição, delimitação e sedimentação, ancoradas numa única voz, da posição sujeito: bibliotecário-tradicional e arcaico. Silenciam-se efeitos que poderiam produzir substituições ou deslizamentos; com relação a outros suportes no qual a informação possa ser/estar registrada ou armazenada; e também são silenciados outros ambientes nos quais inserem esse profissional:

SD5: “Uma pessoa que trabalha todo o tempo dentro de uma biblioteca, com perfil para organização e que tenha facilidade para base de dados, softwares, etc”.

SD6: “profissional responsável pelo acervo e gestão de bibliotecas”

Nas sequências discursivas acima, o profissional da informação não é nomeado, há um desconhecimento por parte dos docentes da profissão em si, não se atribui a esse profissional uma formação específica. Nas sequências, delimitam-se e aprisionam-se os afazeres; destacando (apenas) questões de organização - como um pré-requisito para exercer o labor.

Dudziak (2001) coloca que o bibliotecário é visto apenas como um suporte ao ensino; sem poder envolver-se em atividades pedagógicas de forma a não sobrecarregar o currículo. Entretanto, quando querem [os bibliotecários] atuar mais diretamente junto à comunidade educacional, por dever e por desejo profissional, sentem-se muitas vezes excluídos e menosprezados em suas iniciativas e não sabem como alterar esta situação” (DUDZIAK, 2001, p. 119).

A ausência de diálogo e de parceria entre professores e bibliotecários prejudica e dificulta a atuação pedagógica, pois sua atuação depende da flexibilidade e abertura oferecida pelos docentes e também “[...] passa pela visão que o próprio profissional tem de si mesmo, como profissional e como educador” (DUDZIAK, 2001, p. 120). O desconhecimento da profissão ou das reais atribuições do bibliotecário é encontrado nas sequências seguintes:

SD7: “a funcionária da biblioteca municipal da cidade onde nasci, que nos emprestava os livros e mantinha o silêncio do local”.

SD8: “pessoa que marca a data de devolução dos livros”

Nesses recortes, observam-se produções de sentidos que expõem aos olhos do usuário (neste caso do docente), a funcionária enquanto bibliotecária; tomada (aqui) na posição de sujeito-auxiliar de biblioteca que, [de maneira insistente] promove a interdição e distanciamento do usuário.

SD9: “Um(a) senhor(a) de cara amarrada, e atrás de uma pilha de livros”.

A SD9 leva a observar, pelo uso da palavra “pilha”, o movimento/jogo de sentidos em que os livros aparecem associados à interdição, sendo colocados à frente do profissional como uma espécie de “escudo” que repele usuário; ademais o uso do signo “pilha” aponta para um acúmulo de coisas no espaço do bibliotecário: É como se a biblioteca fosse um “amontado” de livros; ainda como se livros e bibliotecários fossem uma só unidade. O “mau humor” destacado na sequência, torna-se o fator distanciador, promovendo um estereótipo recorrente e dificultando a relação entre ambos:

A imagem tradicional de biblioteca, se de um lado é reflexo de uma cultura própria irraigada, de outro, é perpetuada a partir do imaginário das pessoas, aquelas formas quanto possíveis universais e invariantes de biblioteca: lugar onde se depositam livros, os ambientes sóbrios, onde geralmente nos deparamos com senhoras de estilos antiquados, que exigem que estudemos em silêncio (DUDZIAK, 2001, p.104).

Em contraponto ao efeito de desconhecimento, outros sujeitos-professores apontaram uma valorização do bibliotecário, reconhecendo seu mérito na mediação do conhecimento e na gestão da

informação dentro das unidades de ensino. A SD10 inscreve o bibliotecário em uma posição mais próxima às competências e habilidades desse profissional na atualidade:

SD10: “Uma pessoa/profissional capaz de organizar as informações científicas, que atua na gestão de um espaço onde existem livros, e informações que devem ser utilizadas e obter o acesso da melhor forma possível”.

Nesse recorte, há um jogo de sentidos (de sedimentação e rupturas). Ao ser capaz de organizar as informações científicas, depreende que este conheça o *modus operandi* desse processo e o sedimenta (restringe) quando indica a atuação/gestão de livros. Este também se torna mediador e gestor de informação; preceitos básicos para o cientista da informação, segundo preconiza a Classificação Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2002).

A sequência discursiva abaixo expressa a importância do profissional para a formação acadêmica do graduando:

SD11: “oferece o direcionamento para a procura ou busca dos estudantes das bibliografias indicadas pelos professores”.

A SD11 expõe sentidos de restrição (do suporte, da fonte de informação e do profissional), quando direciona o “olhar” e “atenção” dos graduandos apenas às bibliografias básicas ou indicadas em ementas das disciplinas, tornando-se um discurso que ressalta (apenas) o trabalho do docente. Consequentemente, o profissional não obtém o espaço necessário para atuar como educador e transforma-se em mero “entregador” de bibliografias: A voz do docente silencia o bibliotecário em seus afazeres, funciona como discurso dominante e aponta para a ausência do diálogo entre ambos.

SD12: “Alto grau de importância, mas nem sempre fácil de ser avaliado, pois a atuação do profissional é subjacente a uma série de atividades acadêmicas”.

SD13: “Um grau muito restrito, principalmente nas universidades em que trabalho”.

SD14: “No momento atual, baixa importância”.

SD15: “Infelizmente, ainda é muito pouca sua importância”

Os recortes demonstram a realidade em muitas universidades brasileiras, de forma a permanecerem (biblioteca e bibliotecários) à margem das atividades acadêmicas. As qualificações “restrito”, “baixa importância”, “atuação subjacente” estabelecem o modo de estar “parcialmente” presente e flagram o desconhecimento do profissional. Marcam-se aqui, dificuldades de inserção e integração nas atividades pedagógico-acadêmicas, além de forte distanciamento entre os diferentes setores da instituição.

De acordo com Dziekaniak (2003), a Biblioteca Universitária promove o acesso e o gerenciamento da informação (através da coleta, tratamento, preservação e socialização) para a comunidade acadêmica e compreende um subsistema da organização (neste caso, a Universidade). Sendo assim, exerce papel fundamental como órgão de apoio da Instituição de Ensino Superior (IES), propiciando instrumentos que permita desenvolver o tripé (ensino, pesquisa, extensão. Para Silva (2009, p. 101):

Fica clara a ligação entre as atividades acadêmicas desenvolvidas pelos estudantes, durante a vivência acadêmica e ato de busca e uso de informações. O desenvolvimento das atividades acadêmicas não prescinde das atividades desenvolvidas no ambiente informacional da biblioteca. [...] assim, a finalidade de uso da biblioteca acaba muito condicionada à indicação de materiais de leitura pelos professores, o que pode limitar o desenvolvimento da capacidade do estudante de identificar e selecionar as informações com autonomia e que pode se dar com o apoio da biblioteca.

Silva (2009) expõe a fragilidade do ensino e pontua a existência de alunos(as) com sérias “*lacunas*” e deficiências; ressalta ainda o quão importante é o fomento à escrita e à produção técnico-científica, para que o tripé (ensino, pesquisa, extensão) atue em harmonia e com excelência. É necessária uma interlocução entre as disciplinas com o objetivo de promover a integração da comunidade acadêmica; visando formar alunos capacitados em identificar suas necessidades e avaliar informações de maneira crítica.

Dessa maneira, é relevante identificar como se desenvolve (ou não) a mediação entre docentes e bibliotecários em favorecimento da aprendizagem dos graduandos. Gomes (2010) observa a conduta em muitas universidades; da utilização de cópias ou *xerox* como único recurso de leitura dos textos; além da subutilização do material indicado pelo docente; justificada por estes pela ausência ou precariedade do acervo presente nas bibliotecas universitárias. Vale ressaltar que o hábito de leitura parcial e fragmentada, prejudica o entendimento e a articulação das informações pelos graduandos. Nos dizeres de Gomes (2010, p. 131-132):

O sucateamento da universidade pública no Brasil vem imprimindo uma situação de afastamento da biblioteca universitária de algumas de suas missões mais importantes que são a de provedora e disseminadora do conhecimento científico, como também de fomentadora das práticas subsidiárias da produção do conhecimento. [...] Ainda que sem intencionalidade, há um claro afastamento do núcleo definidor e fomentador da vida acadêmica, composto substancialmente por professores, em relação à biblioteca.

Para Tosseto e Martucci (2001), a sociedade atual exige conhecimentos qualitativos e quantitativos; sendo a leitura (meio e condição) para integração nas esferas social, política e econômica. Assim, a leitura atua como centro de mudança e a biblioteca como centro de atuação e instrumento pedagógico, visando assegurar o processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Gomes (2010), a leitura fragmentada e o uso excessivo de cópias de textos é elemento impactante na formação intelectual e cultural dos estudantes, prejudicando a absorção de conhecimentos. Ressalta-se também a precariedade e subutilização das infraestruturas informacionais nas Universidades, em atitudes ou estratégias para cumprir (somente) a demanda curricular.

No conjunto das entrevistas coletadas, alguns recortes apontam para um desconhecimento da figura do bibliotecário: Atribuem posturas e comportamentos negativos ao profissional, impossibilitando uma (real) mensuração de sua importância perante a comunidade acadêmica: “[...] eles estão frequentemente isolados, sendo a sua relação com os alunos dificultada pelo facto de as actividades de formação de utilizadores serem encaradas pelos alunos como uma tarefa suplementar” (AMANTE, 2007, p. 05). Em contraponto ao efeito de desconhecimento, outros sujeitos-professores destacam a valorização do bibliotecário, atribuindo-lhe méritos pela mediação do conhecimento entre indivíduos e na gestão da informação nas unidades de ensino.

SD16: “Total importância, este profissional é capaz de orientar / educar o graduando a encontrar as informações e desta forma, favorecer sua formação acadêmica”.

SD17: “Alto grau, uma vez que ele é o facilitador para o acesso a informação por parte do graduado”.

Nas SDS 16 e 17, o profissional assume a posição-sujeito de “*ponte*” e “*mediador*” quando facilita o acesso à informação. Esses dizeres fazem funcionar outros sentidos - o que é desejado para o atual profissional: Enquanto educador e orientador para a (in)formação; ao auxiliar os graduandos no desenvolvimento de suas competências, impacta (positivamente) a qualidade de ensino. Observa-se um dizer que aponta para o reconhecimento e a valorização do profissional da informação.

As bibliotecas universitárias atualmente são marcadas pela diversificação de seus produtos e serviços, e pelo desafio da gestão digital dos acervos e repositórios institucionais. Além disso, há a necessidade da gestão da inovação e de pessoas (capital intelectual); nas estratégias de marketing e sua relação com a qualidade na prestação de serviços e consequente produtividade. Para Silveira (2009, p.

127): “As bibliotecas universitárias são agências sociais criadas para fomentar o alcance das atividades fim das universidades”. Ainda nessa direção, Oliveira (2010), explicita que:

Tal ação evidencia a característica de mediador que o bibliotecário adota entre a comunidade acadêmica e a informação que sustenta o processo de ensino / aprendizagem. Há que se ressaltar que no ambiente acadêmico o bibliotecário mediará as relações entre docente e discente, docente e docente, técnicos administrativos e docentes, enfim, a biblioteca participa da própria dinâmica de trabalho desenvolvido nas instituições de ensino superior (OLIVEIRA, 2010, p. 70).

Por fim, os discursos a seguir, apontam ou não para possíveis contribuições do profissional bibliotecário nos afazeres do docente:

SD18: “organização das bibliografias utilizadas”.

SD19: “Apenas vivencio a questão da visita aos calouros à biblioteca, acompanhado do bibliotecário. Não tenho nenhum outro contato com este profissional”.

SD20: “Atualmente não sei, se há este profissional na universidade onde atuo”.

SD21: “Nenhuma”

SD22: “Para os alunos que seguem minha orientação, o resultado é muito superior aos demais”.

SD23: “Ajudar os alunos a procurar livros textos”.

Essas sequências discursivas demonstram que o bibliotecário não apresenta relevância para o docente; quando não, delimita-o apenas às questões de rotina de organização ou de catalogação de acervos, sendo de importância (apenas) para os alunos(as). Isso aponta para a falta de estímulos e de conhecimento sobre os produtos e serviços oferecidos pelo profissional da informação; e consequente ausência de proatividade e “voz” junto às decisões estratégicas na universidade. Esses dizeres pontuam para a formulação de sentidos de autosuficiência, de inflexibilidade, de questões políticas (internas e externas à instituição); de educação e de aspectos da (auto)imagem. Os profissionais bibliotecários encontram-se às margens, sem ocupar (ainda) uma posição legitimada na sociedade: “É nossa convicção que não podemos partir do princípio que os docentes sabem o que fazemos e do que somos capazes. Temos de, em cada oportunidade de interação, encontrar a forma mais adequada para pormos em destaque as nossas competências” (AMANTE, 2007, p. 4). Esses discursos nos levam a observar e considerar que os discursos dos docentes e do bibliotecário estão ambos posicionados sob diferentes óticas:

O relacionamento entre docentes e bibliotecários varia muito e a análise de seus discursos reflete isso. A forma como docentes e bibliotecário definem seus papéis e como atuam na comunidade pode e deve ser alterada para que haja mais abertura, flexibilidade e diálogo. A inserção do profissional da informação na comunidade educacional depende de uma abertura dada pelos docentes e passa pela visão que o próprio profissional tem de si mesmo, com profissional e como educador” (DUDZIAK, 2001, p. 120).

Os discursos neste corpus promovem fissuras. Há a necessidade de uma articulação dos sentidos de valorização e de proximidade entre os docentes e os bibliotecários. É preciso estimular a gestão do conhecimento e do capital intelectual; assumindo o profissional a posição de “mediador” e “educador”, impactando positivamente na qualidade dos cursos. Outra questão relevante condiz ao aprendizado contínuo (de ambos), possibilitando trocas efetivas, o amadurecimento profissional e capacitação do graduando. A partir desse cenário, considera-se interessante e aprazível que o profissional seja (re)conhecido como agente social para suprir as necessidades de informação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: Possível(is) (olhar)es

Os resultados desta análise apontam a urgência por mudanças nas instituições no posicionamento do profissional bibliotecário. Nesse sentido, reforçam a necessidade da inovação e da personalização dos serviços, as (re)adequações curriculares e o fomento de ações integradas, visando estimular os alunos(as)

à busca constante de conhecimento: já que “Docentes e bibliotecários têm um interesse em comum: os alunos. Neste sentido, cabe-nos, em parceria com os docentes, transformar a biblioteca num ambiente de aprendizagem de forma a efectivamente a colocar no coração da Universidade” (AMANTE, 2007, p. 3).

A Universidade deve propiciar aos estudantes e seus profissionais uma efetiva integração à comunidade acadêmica ao instituir políticas que busquem não isolar o bibliotecário e as unidades de informação das grades curriculares ou do ambiente acadêmico. É necessário estimular a pesquisa científica baseada em competências informacionais, propiciando ensinamentos sobre o uso e avaliação das fontes de informação. As autoras Polke, Araújo e Cesarino (1976) alertavam sobre a importância da união entre corpo docente e biblioteca; de forma a (des)envolver atividades que busquem atingir a missão da universidade. Para Milanesi (2002), é necessário facilitar os movimentos dos leitores e aumentar sua autonomia, gerando indicador de qualidade no serviço de informação.

Sinaliza-se aqui outros pontos necessários para uma mudança efetiva nas condições de trabalho e de reconhecimento dos bibliotecários: atuar sob a ética profissional e estar ciente de suas funções, suas atribuições e suas responsabilidades perante a sociedade; perceber que há uma imagem já estabilizada que reduz a visibilidade do profissional na sociedade e no mercado de trabalho; observar que existem outras possibilidades e estratégias que ultrapassam às questões tecnicistas da profissão; ter uma visão educadora/pedagógica e de compartilhamento; compreender que o nome bibliotecário carrega consigo uma historicidade, resquícios que podem alavancar (ou não) a carreira profissional. Ainda é preciso estar atento às mudanças e exigências do mercado, buscando formas e estratégias que atraiam a sociedade. Como ressaltam Vieira e Romão (2011):

é possível considerar que a dificuldade de reconhecimento da ocupação profissional do bibliotecário resulta no vazio que o estereótipo preenche [...] entretanto faltam iniciativas que se concentrem na educação sobre a profissão e sobre a capacidade do profissional, de forma a permitir que uma imagem construída sobre uma base mais realista possa ocupar o vazio sobre o profissional (VIEIRA; ROMÃO, 2011, p. 180).

Ainda no ambiente acadêmico, nossas conclusões nos levam a apontar a emergência de concepções vagas e superficiais a respeito do profissional bibliotecário, bem como o desconhecimento do bibliotecário e seus afazeres profissionais, o que faz vir à tona, ainda, um distanciamento significativo entre as imagens colocadas pelos docentes universitários e as existentes em documentos oficiais. Enquanto analistas do discurso, vemos que os dizeres analisados tendem a reforçar o imaginário acerca da profissão. O profissional da informação deve estar ciente de sua posição e conscientizar a sociedade sobre suas competências e serviços. Na visão de Souza (2006), as mudanças e estratégias devem pautar-se em atitudes e qualidades pessoais, através de esforços políticos que envolvam capacidades de: “[...] comunicação, de persistência, de responsabilidade social, de flexibilidade para aceitação de mudanças de atitudes e (re)valorização cultural dos saberes próprios da Biblioteconomia e da Ciência da Informação” (SOUZA, 2006, p. 26). Ainda para Souza (2006, p. 32):

Nesta discussão, pôde-se perceber que a visibilidade social do bibliotecário e do cientista da informação tem relação com fatores econômicos, passando pela educação, leitura, produção de informação em grande escala e disponibilização de grandes acervos presenciais ou a distância, o que termina por ser insuficientemente atendido em sociedades que vivenciam profundas carências econômicas e sociais, como a brasileira, e interfere negativamente na constituição e fixação das profissões.

No atual cenário educacional, a colaboração entre os bibliotecários e docentes torna-se imprescindível, a fim de se estabelecer uma rede de contatos e de parcerias que possibilitem a melhoria da qualidade de ensino para os graduandos e de serviços voltados à comunidade acadêmica. Como diz Amante, Placer e Costa (2009, p. 10-11): “o sucesso de colaboração entre estes dois grupos depende da compreensão dos preconceitos e das percepções que envolvem nesta relação assim como das forças externas que orientam a colaboração multidisciplinar. E como afirma Romão (2012, p. 82): “janela aberta

como moldura para a observação de movimentos constantes na paisagem do dizer; finalmente janela aberta como aposta em enlace de saberes, teorias e vozes, na interlocução (quase) sempre possível”. No silêncio, nos não-ditos pelas ausências e nos estereótipos que desvelam significados estabilizados dos/nos/pelos discursos, imagens que dizem uma profissão.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Maria João Amante. Bibliotecas universitárias: semear hoje para colher amanhã. In: *Congresso Nacional de bibliotecários, arquivistas e documentalistas*. Bibliotecas e Arquivos: informação para a cidadania, o desenvolvimento e a inovação. Ponte Delgada, 2007, n. 9. Disponível em: <<http://bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/542> > Acesso em: 12 mar. 2013.

AMANTE; Maria João; PLACER, Ana Isabel Extremerño; COSTA; António Firmino da. As bibliotecas universitárias na sociedade do conhecimento: o imperativo da colaboração. In: *IV Encontro Ibérico EDIBCIC*, Coimbra-Portugal, de 18 a 20 de novembro de 2009. Disponível em: <<https://repositorio.iscte.pt/handle/10071/1561>>. Acesso em: 29 abr. 2013.

BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Leituras espaciais: o sentido semiótico dos edifícios de biblioteca. In: *XIX Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, 2000, Porto Alegre. Anais do XIX CBBB. Porto Alegre: Associação Rio Grandense dos Bibliotecários, 2000. v.1

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Portal do Trabalho e do Emprego. *CBO: Classificação Brasileira de Ocupações*, 2002. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br>> . Acesso em: 26 dez.2011.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. *Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v.8, n.15, 1º sem.2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/issue/view/35>> Acesso em: 7 abr. 2013.

_____. Bibliotecários e arquivistas : novos fazeres na sociedade do conhecimento. *Ponto de Acesso*, Salvador, v.1, n.1, p. 99-106, jun.2007. Disponível em < <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/1395/877> >. Acesso em: 29 jan.2012.

DZIEKANIAK, Cibele Vasconcelos. *Sistema de Gestão para Bibliotecas Universitárias (SGBU)*. Santa Maria, 2003, 261 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, Santa Maria, 2003. Disponível em : < [DZIEKANIAK,%20CIBELE%20VASCONCELOS.pdf](#). > Acesso em: 23 fev. 2012.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. *A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas*. São Paulo, 2001, 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1KR7VCSQX-236FRSG-5T42/DUDZIAK%282001%29-Dudziak2.pdf>> Acesso em: 7 set.2012.

GIARDELLI, Gil. *Você é o que você compartilha*. São Paulo: Gente, 2012.

GOMES, Henriette Ferreira. 8 mediações para a leitura na Universidade : ações docentes e da biblioteca. In: LARA, Marilda Lopes Ginez de; SMIT, Johanna Wilhelmina (Orgs.). *Temas de Pesquisa em Ciência da Informação no Brasil*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2010.

p 123-139. Disponível em: < <http://www.pos.eca.usp.br/sites/default/files/enancibdigital.pdf#page=123>>
Acesso em: 7 set.2012.

LAMPOGLIA, Francis et.al. *A voz e a vez dos bibliotecários: a memória e o silêncio nos dizeres dos quadrinhos*. In: CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. (Orgs.). *Dizeres sobre biblioteca escolar: palavras em movimento*. Ribeirão Preto: Alfabeta, 2011. p.137-150.

LOUREIRO, Mônica de Fátima; JANUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: um conceito em construção. *TransInformação*, Campinas, v.17, n.2, p.123-151, maio/ago, 2005. Disponível em: < <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/696>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. *Indexação: gesto de leitura do bibliotecário*. Campinas.1996, 100 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Universidade Estadual de Campinas, Instituto da Linguagem, Curso de Linguística, Campinas, 1996. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000113984>>. Acesso em: 30 abr.2014.

MILANESI, Luís. A formação do informador. *Informação & Informação*, Londrina, v.7, n.1, p.07-40, jan./jun. 2002. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1694/1445>> Acesso em: 20 fev. 2013.

MIRANDA, Antônio. Sociedade da Informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Ciência da Informação*, Brasília, v.29, n.2, p. 78-88, maio/ago. 2000. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/257/224>> Acesso em: 7 abr. 2013.

NINA, Renée Rosanne Vaz. O bibliotecário como profissional da informação e as representações de suas competências profissionais e pessoais para atuar em bibliotecas. *Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v.13, n.25, 1º sem.2008. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p105/1253>> Acesso em: 7 abr. 2013.

OLIVEIRA, Joelma Gualberto de. *Processo de avaliação do INEP / MEC de bibliotecas universitárias pertencentes as instituições de educação superior privadas de Belo Horizonte- MG*. Belo Horizonte, 2010, 281f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Pos-Graduacao em Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECID-87BKMR>> Acesso em: 22 fev.2012.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das idéias no Brasil*, São Paulo, Cortez, 2002.

_____. *Discurso e textualidade: Introdução às ciências da linguagem*. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

POLKE, Ana Maria Athayde; ARAÚJO, Elizabeth de Melo Bonfim; CESARINO, Maria Augusta da Nóbrega. Análise do mercado de trabalho do bibliotecário em Belo Horizonte. *R.Esc. Bibliotecon.*

UFMG, Belo Horizonte, v.5, n.2, p.165-77, set. 1976. Disponível em:
<www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=16202> Acesso em: 21 abr.2013.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa et. al. *Um modo de ler a trajetória de Pêcheux*. In: Cadernos do E-l@dis : nas bordas da rede. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012. p.136-137.

SANTOS, M. V. M. dos; MANNES, C. J. O estereótipo e o cientista da informação: quebras ou fortalecimentos. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v.7, n. 1, p. 128-137, jul./dez. 2009 Disponível em: <
<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000007422&dd1=f8365>> Acesso em: 7 out.2010.

SILVA, Lucia Vera da. *Competências em informação dos estudantes de graduação para elaboração dos trabalhos acadêmicos : a contribuição das bibliotecas universitárias da UFBA*. Salvador, 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Salvador, 2009. Disponível em:
<
<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7929/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20Lucia%20Silva%20final.pdf> > Acesso em: 09 set.2012.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da; SCHONS, Claudio Henrique; RADOS, Gregório Jean Varvakis. A gestão de serviços em bibliotecas universitárias: proposta de modelo. *Informação & Informação*, Londrina, v.11. n.2, jul./dez. 2006. Disponível em: <
<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewArticle/1691> > Acesso em: 24 fev.2012

SILVEIRA, Júlia Gonçalves da. Gestão de recursos humanos em bibliotecas universitárias : reflexões. **Ciência da informação**, Brasília, v.38, n.2, p.126-141, maio/ago. 2009. Disponível em:
<<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1072/1328>> Acesso em: 29 abr.2013

SOUZA, Francisco das Chagas de. A formação acadêmica de bibliotecários e cientistas da informação e sua visibilidade, identidade e reconhecimento social no Brasil. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v.16, n.1, p.23-34, jan./jun.2006. Disponível em:
<<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/439/1491>>. Acesso em : 26 abr.2013.

SOUZA, Margarida Maria de; FUJINO, Asa. *A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior : desafios e perspectivas*, [s.l.], 2009. Disponível em: < dci2.ccsa.ufpb.br > Acesso em: 25 mar. 2012

TOSSETO, Beatriz; MARTUCCI, Elisabeth Marcia. A biblioteca e o professor : concepções e valores de professores de pré-escola a 4ª série do ensino fundamental em formação inicial. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.6, n 1, p.61 - 73, jan./jun.2001. Disponível em : <
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/437/247>> Acesso em : 09 set.2012.

VIEIRA, Iara Martins; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Sentidos sobre o bibliotecário: vozes em rede. In: CASTRO FILHO, Cláudio Marcondes de; ROMÃO, Lucilia Maria Sousa (Orgs.). *Dizeres sobre biblioteca escolar: palavras em movimento*, Ribeirão Preto: Editora Alfabeta, 2011, p.165-182.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. Formação profissional do bibliotecário. *Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v.13, n.25, 1º sem.2008. Disponível em : < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2008v13n25p84/885> > Acesso em: 14 mar.2013.

PROFESSIONAL INFORMATION AND ACADEMIC COMMUNITY: PICTURES THAT SAY A PROFESSION

Abstract: Once the librarian profession is crossed by stereotypical images that make it seem obvious right way to conceive it, is proposed from the perspective of discourse analysis, research librarian senses in the words of academics, with the goal of checking how this is makes speeches professional in the information society. The corpus was composed of interviews with teachers in semi-structured questionnaire, collected from two universities in Ribeirão Preto/SP. The results show authoritarian and self-sufficiency discourse, silencing the librarian and his skills. This affects the labor market and the perception of the importance of this professional to society.

Keywords: Librarians. Discourse Analysis. Imaginary. Senses.

Mavi Galante Mancera Dall'Acqua Carvalho

Bacharel em Biblioteconomia e Ciências da Informação e da Documentação pela FFCLRP/USP. Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). E-mail: mavigalante.mk@hotmail.com.br Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900- Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

Dantielli Assumpção Garcia

Pós-doutoranda na FFCLRP/USP. Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pesquisadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista FAPESP (proc. nº 2013/16006-8). E-mail: dantielligarcia@gmail.com. Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900 - Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

Lucília Maria Abrahão e Sousa

Livre-Docente em Ciências da Informação e da Documentação. Profa. do Curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da FFCLRP/USP. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCAR. Coordenadora do E-L@DIS – Laboratório discursivo, sujeitos e sentidos em movimento (FAPESP). Bolsista CNPQ. E-mail: luciliamsr@uol.com.br. Endereço: Avenida dos Bandeirantes, 3900- Monte Alegre. CEP: 14040-901 - Ribeirão Preto, SP – Brasil.

Recebido em: 13/06/2014

Aceito em: 10/09/2014
